

Ministério de Minas e Energia

Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Fator Lava-Jato	2
VEÍCULO: Folha de S.Paulo	2
Título: Plano energético de Donald Trump é 'equivocado'	2
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	3
Título: Governo busca investidores dos EUA para exploração do pré-sal.....	3

VEÍCULO: O Globo**Seção: Rio / Colunas****Autor: Ancelmo Gois****Título: Fator Lava-Jato**

Aliás, o atual presidente da Petrobras, Pedro Parente, pretende mudar o estatuto da empresa. A ideia é reforçar os critérios técnicos na escolha de diretores e conselheiros. No passado, como se sabe, o apadrinhamento político quase levou à lona a Petrobras.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mundo****Autor: Solange Reis****Título: Plano energético de Donald Trump é 'equivocado'**

A política de energia de Donald Trump promete fazer do futuro uma realidade, mas poderá levar o país ao passado. Essa é a avaliação de John Mathews, professor de inovação e estratégia na Macquarie University, em Sydney.

Em entrevista à Folha, ele afirma que o plano de Trump de se concentrar em fontes de energia como petróleo, gás e carvão, minimizando os riscos geopolíticos da dependência externa, pode acabar entregando a liderança global a seu inimigo declarado: a China.

O pesquisador australiano é autor do livro "Global Green Shift: When Ceres Meets Gaia" (Transição Verde Global: Quando Ceres Encontra Gaia, editora Anthem Press), ainda não lançado no Brasil.

Folha - Trump prometeu salvar a indústria de carvão, aumentar a produção de recursos fósseis e acabar com regulamentações ambientais. O que há de errado nesse plano?

John Mathews - Não existe qualquer chance de Trump tornar a América grande novamente se ignorar a transição verde que já está acontecendo em outros países.

A mudança para um paradigma de energia limpa é o segredo para a liderança industrial no futuro.

O país que menosprezar a fabricação de energia renovável dá as costas para uma nova fase do capitalismo industrial.

O que ganha um Estado ao estimular a transição verde?

Em primeiro lugar, recursos fósseis limitam o crescimento. Não por serem fontes esgotáveis, mas pelas questões geopolíticas e ambientais.

Veja o caso de países superpopulosos como China e Índia. Se quiserem continuar crescendo sob um paradigma de energia tradicional, terão que arcar com os custos de poluição e de segurança militar. Em segundo lugar, a transição verde significa que o país fabrica sua própria energia. E aumenta a competitividade industrial.

Quais países avançaram na transição energética?

Há o caso da Alemanha e especialmente dos países emergentes, incluindo o Brasil.

Atualmente, a China lidera essa corrida. O país tem as taxas mais elevadas em termos de investimentos, capacidade instalada e produção de equipamentos de energia renovável. É um caso bem-sucedido de parceria público-privada, com direção estatal e bancos estatais de desenvolvimento.

Além de desenvolver o setor, a China avançou no que eu chamo de mineração urbana, reutilizando o descarte de outras indústrias e setores.

Petróleo e segurança internacional se confundem com a hegemonia americana. Mesmo que ignorar a transição verde seja ceder a vez na inovação industrial, pode-se entender a opção pela importância da geopolítica para o status quo dos EUA?

Você pode ver a questão por esse lado, mas ainda assim é miopia estratégica. A China estava na vanguarda da inovação tecnológica e das expedições marítimas até que a dinastia Ming optou pelo isolacionismo no século 14.

Este erro abriu o mundo à Europa e impôs à China séculos de humilhação e atraso.

Os EUA podem estar cometendo o mesmo erro e, se Trump adotar uma doutrina isolacionista, pode entregar a liderança global à China, especialmente no que diz respeito à energia.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes

Título: Governo busca investidores dos EUA para exploração do pré-sal

Dois reservatórios na Bacia de Santos, que serão leiloados, podem produzir 2 bilhões de barris de petróleo.

Após definir a nova política industrial para o setor de petróleo, o governo se adianta para promover o pré-sal nos Estados Unidos. Personagem central no desenho dos compromissos de aquisição de produtos e serviços que as empresas petroleiras devem seguir a partir deste ano, Márcio Felix, secretário do Ministério de Minas e Energia,

percorreu na última semana escritórios de grandes petroleiras, como a Exxon, e de investidores financeiros norte-americanos.

Desta vez, porém, o governo conta com áreas bem menores do que Libra, oferecida na Bacia de Santos no primeiro leilão de pré-sal, em 2013. Segundo fonte do Planalto, as duas principais apostas para este ano são os reservatórios de Pau-brasil e Peroba, na Bacia de Santos, que juntas somam volume recuperável estimado em 2 bilhões de barris de petróleo. A projeção para Libra é de 8 bilhões a 12 bilhões de barris.

O esperado, portanto, é que Pau-Brasil e Peroba rendam ao Tesouro Nacional menos do que os R\$ 15 bilhões pagos na primeira licitação de pré-sal. A extensão do campo de Carcará (Bacia de Santos), já concedido, também promete, de acordo com a fonte. “Carcará tem uma produtividade monumental. Basta ver quanto a Statoil pagou pela participação da Petrobrás (66% do campo)”, afirmou.

A empresa norueguesa pagou US\$ 2,5 bilhões pela fatia da área e assumiu a operação do campo. Neste ano, o governo vai leiloar um reservatório contínuo à descoberta e o esperado é que a Statoil arremate também essa parcela. Carcará estará em um leilão à parte, que inclui outras três extensões de áreas já concedidas – Gato do Mato, operado pela Shell, e Tartaruga Verde e Sapinhoá, operados pela Petrobrás.

As quatro estão localizadas na Bacia de Santos. Os blocos Pau-brasil e Peroba – o primeiro com características geológicas mais atrativas que o segundo – foram intensamente estudados pela Petrobrás, o que aumenta as chances de o investidor achar petróleo e, conseqüentemente, o prêmio a ser pago pelas petroleiras em leilão. “O risco do negócio é quase zero”, disse a fonte.

O governo conta ainda com outras áreas exploratórias de pré-sal para leiloar. Mas nessas não foi feito o dever de casa de mapeamento prévio das oportunidades.

Entusiasmo. Mesmo sem uma área do porte de Libra para leiloar, o governo confia no entusiasmo estrangeiro no pré-sal. Os leilões marcados para este ano foram o tema das palestras e conversas que Felix teve na última semana nos Estados Unidos.

Ele participou do congresso da Associação Internacional de Geofísicos (IAGC, na sigla em inglês), esteve com representantes de assessorias de investimento, como a Evercore, e de bancos, e percorreu grandes companhias petroleiras americanas da área, como a Repsol Sinopec, e outros potenciais investidores ainda ausentes no mercado brasileiro.

Duas concorrências de présal estão marcadas para 2017 – uma de extensões de áreas já concedidas, os blocos unitizáveis, prevista para o primeiro semestre, e outra com áreas que ainda vão ser definidas pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), em novembro.

Em setembro, ainda será promovida a 14.ª rodada, com blocos de pós-sal, e em maio, a rodada de áreas marginais, com foco nas pequenas e médias empresas petroleiras.

MME / ASCOM